

SOBRE A AUTORA

Por William Soares dos Santos

Maria Évili S. Ferreira é uma escritora que explora o universo urbano em histórias bem elaboradas que tendem às narrativas de maiores dimensões. Ela possui excelente domínio das tramas que elabora, geralmente, conduzindo seus leitores para finais não esperados, mas que fazem todo o sentido no plano geral da história. Lendo os seus textos é difícil não pensar na riqueza de escritores como Georges Simenon, embora aqui ela nos traga algo um pouco diferente.

Sobre o seu conto: em “Missão”, Maria Évili explora a ida às compras de um grupo de jovens do subúrbio do Rio de Janeiro. Em uma narrativa que nos lembra os textos de autores como Geovani Martins, ela nos mostra como uma tarefa simples pode se tornar uma verdadeira missão, dependendo da classe social e dos recursos que se tem. O final aponta para um moto contínuo, no qual a megalópole nunca para de cobrar um preço injusto para mal abrigar seus habitantes, principalmente aqueles menos favorecidos.



MARIA ÉVILI
S. Ferreira

[04]



Missão

Maria Évili S. Ferreira

Eles estavam animados, o Halloween estava chegando e tiveram a ideia de fazer uma pequena festa para comemorá-lo, a festa seria poucos dias depois da data oficial, mas isso não tinha importância, o primordial era estarem juntos e se divertindo. Saíram na árdua missão que lhes foi confiada - de comprar itens decorativos para caracterizar o ambiente -, tinham combinado de ir às compras naquela semana, mas ao pensarem que a data estava chegando, haveria grande procura e poderiam ficar sem opções, resolveram ir no dia seguinte mesmo.

O dia estava quente, típico clima carioca, o sol de quarenta graus preenchia o céu sem nuvens e o longo caminho sem sombras até a feira os esperava. Na realidade, o caminho era de apenas quinze minutos, mas, naquelas condições, tudo se tornava pior. Na saída decidiram pedir o carro do vizinho emprestado - era um Chevette - e explicaram que queriam o carro para trazer as compras, mas na verdade era para não ter que ir e voltar andando no sol. Só havia dois motoristas entre os amigos, um iria dirigir na ida e o outro na volta, para não ter brigas. Entraram no carro e abriram as janelas manualmente, afinal, não tinha ar condicionado, teriam que contar com o vento natural para se refrescarem. Partiram rumo ao destino com os cabelos voando pela brisa quente, conversavam animadamente sobre assuntos aleatórios para se distraírem, falavam sobre as novidades na vida de outras pessoas, sobre situações passadas que divertiam a todos e sobre como queriam que as festas de Halloween brasileiras fossem iguais às dos Estados Unidos, cujo costume é ir de porta em porta pedir doces e dizer: “gostosuras ou travessuras?”, para encerrar o assunto chegaram à conclusão que o Halloween brasileiro é o dia de São Cosme e Damião, onde as crianças também saem pela

vizinhança procurando doces. Ao virar a esquina da rua da feira, fecharam os olhos, a luminosidade do sol refletiu fortemente fazendo-os recuar, reduziram a velocidade para achar um lugar para estacionar, olhavam nervosamente em busca de uma vaga, a fila de carros começava a se formar atrás deles, já estavam passando pela segunda rua atrás da rua que realmente iriam, o suor já escorria pela testa, até que...acharam! Um carro liberava um espaço naquele instante e foi a chance perfeita para os amigos. Andaram de volta as duas ruas até a feira, a garganta começava a ficar seca, a tentação de usar o dinheiro na compra de um sorvete era evidente, mas a missão precisava ser cumprida.

O olhar vagueava entre os blocos de concretos enormes que juntos formavam um conjunto de lojas, nas calçadas a extensão de barracas de madeira davam o nome do que chamamos de “feira”, não era uma feira apenas de frutas, mas aquela feira que possui de tudo um pouco, é o primeiro lugar que pensamos em ir ao comprar algo, pois sabemos que encontraremos lá. Juntando a extensão das lojas com as barracas se deram conta que teriam que andar bastante, resolveram se dividir para ser mais rápido e produtivo. A primeira loja, em que uma parte do grupo entrou era familiar, era costuma as compras ali, dentro do recinto as decorações de Halloween se misturavam com as de Natal, mas como a festa de fim de ano é mais lucrável, pouco encontraram sobre o Halloween que valesse a pena comprar. Ao saírem avistaram uma barraca de fantasias do lado, a surpresa se deu ao verem fantasias tão realistas, as ideias começaram a aflorar nas cabeças de todos, afinal, era impossível comprar aquelas vestimentas tão caras, então a solução era fazer do melhor jeitinho brasileiro: pechinchar! Imploraram de um lado, argumentaram de outro, mas não teve jeito, a vendedora foi irredutível e não abaixou os preços. Alguns decidiram ali mesmo qual personagem dariam vida e tiraram fotos para guardar como inspiração, teriam que improvisar, será que as ideias dariam certo? Continuaram na procura.



Em outro local da feira outra parte do grupo encontrou o que procuravam: variedade de acessórios decorativos! Havia caveiras, abóboras, bruxas, aranhas..., tudo que uma festa de Halloween tem direito, mas era necessário cautela, pois o dinheiro era pouco, escolheram os itens principais. Ao saírem, o sol já estava se pondo, sinal que mostrava a quantidade de tempo que utilizaram para completar a missão, a sede já tinha ido embora e dava lugar a fome, passaram horas percorrendo de loja em barraca e a adrenalina das ideias que estava em suas veias já ia se esvaindo. Enquanto uma parte do grupo esperava a outra chegar no local combinado, resolveram comprar alguns biscoitos para enganar a fome. Quando se juntaram novamente reuniram as mercadorias para terem a noção do que tinham, na sacola de compras havia: teia de aranha, velas, plaquinhas decoradas para tirar foto, balões a caráter e mais alguns materiais para fazer a decoração manualmente. Se deram conta que as teias de aranha artificiais compradas não seriam suficientes, resolveram comprar mais quantidades, mas ao verem o troco dos biscoitos - as poucas moedas não atingiam o preço necessário, teriam que contar com as teias de verdade do lugar da festa para ajudar. Fizeram o caminho de volta para o carro com a pouca força que ainda restava, os assuntos de conversa já haviam acabado. A festa seria dali a uma semana, não teriam muito tempo para se organizar, cada um se acomodou em seu respectivo lugar no carro, não havia nem mais disputa por quem iria dirigir, a sensação da missão cumprida enchia seus corações, mas a sonolência do cansaço preenchia os corpos de todos. O motorista virou a chave para acionar o carro, ele não ligou, tentou mais uma vez, sem sucesso, aqueles que estavam sonolentos começaram a despertar com a chance de haver um problema, por que o carro não andava? O motorista tentou mais uma vez e... nada. Os integrantes do grupo se olharam, um por um, e o mesmo pensamento passou na cabeça de todos: Mais uma missão se iniciava.

